

MORRER A MORTE NO VIVER DA VIDA

CELESTINO SACHET (UFSC)

Mal entrado nos quinze anos, em janeiro de 1855, Machado de Assis publica "seu primeiro trabalho aparecido em letra de forma". Trata-se do poema "Ela" estampado na revista "Marmota Fluminense".

Seus olhos que brilham tanto,
Que prendem tão doce encanto,
Que prendem um casto amor
Onde com rara beleza,
Se esmerou a natureza
Com meiguice e com primor.

Suas faces purpurinas
De rubras cores divinas
De mago brilho e condão;
Meigas faces que harmonia
Inspira em doce poesia
Ao meu terno coração!

Sua boca meiga e breve,
Onde um sorriso leve
Com doçura se desliza,
Ornando purpúrea cor,
Celestes lábios de amor
Que com neve se harmoniza.

Com sua boca mimosa
Solta voz harmoniosa
Que inspira ardente paixão,
Dos lábios de Querubim
Eu quisera ouvir um - sim -
Pr'a alívio do coração!

Vem, ô anjo de candura,
Fazer a dita, a ventura
De minh'alma sem vigor;
Donzela, vem dar-lhe alento,
Faz-lhe gozar teu portanto,
"Dã-lhe um suspiro de amor!"

Nas cinco estrofes de seis versos, em redondilha maior, e no cerne do encantamento amoroso de um adolescente apaixonado, começa a germinar uma visão poética - que se aprofunda com o decorrer da vida e dos anos - que não vem merecendo atenção adequada dos olhos e das atenções da crítica universitária nas últimas décadas.

O presente estudo é uma tentativa de enveredar por uma análise da visão do mundo e da literariedade machadianas, a partir do primeiro texto poético conhecido, em paralelo-contraste com o soneto "À Carolina", escrito por ocasião da morte da esposa, Carolina Augusta Xavier de Novais, em 1904, ou seja, 50 anos depois de "Ela" e 35 anos depois do casamento, celebrado em 12 de novembro de 1869.

"Ela" e "Carolina", dois nomes indicativos de Mulher, não parecem sugerir acaso e, muito menos, simples coincidência, pois, afinal, não foi Machado de Assis quem escolheu o nome da mulher, a futura esposa.

Nomes femininos estampam-se no título do primeiro grupo de romances publicados entre 1872 e 1878 - **Helena e Iaiá Garcia**. Até 1872, dos trinta e oito contos publicados, a preferência por títulos "femininos" é evidente: "O anjo das donzelas", "Casada e viúva", "Confissões de uma viúva moça", "Cinco mulheres", "Diana", "O que são as moças", "A pianista", "Fernando e Fernanda", "Francisca", "A mulher de preto", "O segredo de Augusta", "Miss Dóllar", "Mariana", "Uma loureira", "A parasita azul". A mesma observação pode ser transportada para o título das primeiras peças teatrais: "Queda que as mulheres têm para com os tolos" (1861); "Gabriela (1862); "Suplício de uma mulher" (1865).

Uma análise temática e literária do poema "Ela", deixa aflo-
rar uma concepção filosófica e estética que Machado de Assis pro-
clama subjazer no existir da Mulher.

Fixando-se em pontos fundamentais do aspecto físico de um
rosto de mulher - os olhos, as faces, a boca e os lábios - todos

em circunstâncias - qualificação de excepcional beleza - aprofunda o Autor as manifestações físicas de uma mulher-donzela para chegar aos aspectos psicológicos - o sorriso, a voz, o suspiro.

Estampa-se no rosto da Criatura que vai sendo elaborada pelo Poema, a soma da totalidade dos elementos que integram o Cosmos. A Criatura, a Natureza e o Universo intermetaforizam-se para se autoproclamarem: nos olhos-Sol, a Natureza-mulher explode sentimentos; nas faces-Arte, a Poesia estampa um rosto-Deusa; na voz-Música, os lábios-Querubim modulam acordes de um Desejo.

A Criatura - imagem e semelhança da Divindade - alonga-se para fora da Teologia da Criação Cristã e aceita a colaboração do homo-natura, do Homem-Poeta. Dionísio e Apolo se fundem um no Outro para se instalarem no âmago de uma criação-Vida.

Porque a Mulher é síntese perfeita do Desejo do Criador e do Desejado pela Criatura, liberta-se ela das limitações que a Natureza logrou atingir. A boca, símbolo da força criadora do logos e do "fiat" é Tempo - "meiga"-e é Espaço - "breve"- . Por isso, o "sorriso leve" que dela se desprende, "desliza com doçura".

Tal como as faces, os lábios-púrpura carregam a força, a beleza e o poder de um criar que ultrapassa o Artista. Sem abandonarem a natureza humana - "lábios de amor" - encerra-se neles a perfeição da Totalidade manifesta pela Natureza, pelo Anjo e pela Divindade.

É dos lábios-neve, dos lábios-Querubim e dos lábios-Deus que o Homem, submetido à queda do Amor, mas possuído pela força da criação poética, aguarda a própria redenção pela voz do "sim" da criatura. Ou, pelo menos, por um gesto de amor-resposta a quem tanto amou na mimesis.

Nas duas últimas estrofes do poema, a idealização do Mistério-Arte toma forma na representação do Mistério-Mulher: a boca-perfeição e a voz-harmonia anunciam o esperado "sim", tal qual nova Virgem para o Homem - e não para o Filho de Deus, em exclusivo, - a pronunciar o "fiat" do mandato humano.

Ela, a Mulher-Arte, transforma-se no Anjo que anuncia não o Salvador que sairá das entranhas dela, mas a Salvação que é ela própria. Anjo de candura, gera a redenção, humana redenção; mulher,

faz brotar-se em força que regenera.

O Poeta, qual novo Gênesis, cinzela o Rosto, detalhes após detalhe e alcança a plenitude da Beleza no aguardo de um "parla" ou, quanto menos, de um sopro de Vida.

Terminada a Obra, fica o Artista ardendo em adoração na esperança-certeza de que a criatura, porque perfeita enquanto Criatura, responderá ao "parla" do "Creator" que lhe deu a Vida. No viver a Vida, a Criatura morre a Morte.

A Forma, construída pelo "logos", incorpora as três naturezas - criatura humana/anjo/divindade - como resposta ao motivo para o qual foi-lhe dada vida material: manifestar a Vida ao criador para morrer a Morte na criatura.

Um "terno coração" dá vida ao poema na certeza de que a arte se transportará para a Vida. Assim como o Anjo do Senhor anunciou à Maria, o gênio da Arte anuncia à Mulher.

A organização do caos em cosmos para transubstanciar o "logos" do criador - o poema - em "logos" da criatura -, a proclamação do "sim" - reveste-se de uma sacralidade intrínseca no tom de ladainha evidente em cada estrofe, e no interior de (quase) cada verso.

A invocação à virgem-donzela-e-anjo, por seus atributos físicos e psicológicos, para alcançar-lhe intercessão, está fundamentada nos poderes mágicos da comunicação estético-profana e na simplicidade melódica da sugestão fonética que se volta para dentro e para fora de si mesma.

As qualidades-atributo da Virgem dos cristãos, proclamadas nas orações de expiação e súplica (Imaculada, Intacta, Amável, Admirável, Poderosa, Benigna, Fiel, Espelho da Justiça, Sede da Sabedoria, Vaso Honorífico, Torre de David, Casa de Ouro, Arca da Aliança, Porta do Céu, Estrela da Manhã) seguidas do estribilho - "vox populi" (Rogai por nós, Rogai por nós) encontram eco na cosmocidade da enumeração das qualidades da Mulher: olhos que brilham, faces de rubras cores divinas, boca meiga, sorriso de doçura, celestes lábios de amor, boca mimosa, lábios de Querubim, fonte do "sim", suspiro de amor e no estribilho-reduplicação dessas mesmas qualidades: olhos que brilham e olhos que prendem; faces purpurinas de rubras cores e de mago brilho; boca meiga e bre-

ve; boca harmoniosa e de ardente paixão.

Ao final, o Poeta explode na proclamação do Desejo para re-duplicar a miséria humana do Artista - coração em pedaços e alma sem vigor - e ao exaltar o poder da própria obra - anjo de candura e portento.

Nos últimos vinte anos de sua vida, Machado de Assis parece enveredar por novos caminhos, na tentativa de desvendar as impenetráveis contradições humanas. Ainda que não se ouse proclamar - pois são desconhecidos estudos a respeito do tema que está sendo proposto - no autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Memorial de Aires* (1908), soa evidente a preocupação com títulos "masculinos" para os últimos cinco romances. E dos 35 contos publicados entre 1887-1907, apenas seis estampam nomes ou atributos de mulher no seu título: "D. Jucunda", 1889; "Mariana" e "Pobre Finoca", 1891; "Vênus! Divina Vênus!", 1893; "A inglesinha Barcelos", 1894; "Maria Cora", 1898.

Ao morrer-lhe a esposa, Machado de Assis, volta ao tema da Mulher-Amor para dedicar-lhe o soneto "A Carolina", uma das obras primas da poética "fin de siècle", publicado em 1906.

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa experiência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

A litânia à Mulher-donzela e Mulher-anjo de 1855 transforma-se, agora, em epicéδιο à Mulher-Amor, à Mulher-Querida. Outrora, a síntese da comunhão criador-criatura como quem vai tecendo o próprio Espaço do Eu; agora, a antítese criador-natura enfrenta o Tempo, no próprio Eu!

Na proclamação do jovem que ama, a Vida rompe a morte; no diálogo do marido-amante, a Morte não rompe a vida.

Diante da Morte, não há morte garante o Poeta em todo o percurso do soneto.

A descrição do rosto da Mulher, para o Natal do Amor, em "Ela", transfere-se, agora, para a comunicação da Páscoa-Amor, no espaço-túmulo revestido em "leito derradeiro".

Em 1855, no Espaço-tempo privilegiado do rosto, brota o "sim" que é Redenção para quem ama a própria criatura; em 1906, no Espaço-fora-do-tempo, brota um outro "sim" que é confissão de quem viu, e vive, o Amor, ao longo dessa longa vida".

No diálogo-do-silêncio, o Poeta desestrutura Espaço e Tempo, qual novo Messias, a proclamar que outra filha de Jairo "não está morta; ela dorme" porque o "logos" proferido vem carregado de tanto Amor que é capaz de (re)apossar-se da Vida.

O anúncio, duas vezes interrompido pela dupla proclamação "querida" e "pobre querida", vem seguido da dupla renúncia na entrega do coração que tornou apetecida a experiência do amor e na oferta de flores-testemunhas do Gênesis e do Apocalipse.

Na entrega prometeica do próprio coração - "aqui venho e virei" - Machado repete, quase, uma cena do conto "Pílades e Orestes", escrito três anos antes, quando Quintanilha sonha que Gonçalves "abriu o peito, arrancou o coração e meteu-lho na boca". Menos dramático do que o gesto de desespero entre dois amigos, enamorados da mesma mulher, o soneto consegue re-edificar uma ambiência de mágico lirismo: no recanto em que o Amor se fez Carne, existencializa-se "o mundo inteiro".

Só a maestria de um filósofo-poeta é capaz de mover-se em uma dupla visão do Amor na qual o mundo do "antropos" se encarna no coração e o centro do Cosmos se encerra num "recanto". A antropomorfização do coração e a cosmocização do recanto aprofundam-se na dupla natureza das flores que são, ao mesmo tempo, restos da terra e na terrível atitude desta última que se limitou a "ver passar" o Amor e a permitir que a Morte seguisse seus passos de Ruptura. A Telus Mater se nega a si mesma para assumir-se em Telus Mors, pois é da Morte que a Terra se alimenta e cresce.

O Poeta de "Carolina" volta aos mesmos olhos do poema "Ela". E o Sol que tanto iluminara na criatura-obra, brilha, agora, para dentro do próprio criador, qual Aristóteles, para o jovem enamorado e qual Platão, para o adulto "malferido". Primeiro, a Juventude animada pela Esperança; agora, a Velhice iluminada pela Persuasão. Os pensamentos "idos" vão-e-vêm na expressão "vividos" - vivi e idos.

A idéia "Morte" encontra-se proclamada em única circunstância, mesmo assim em duplo jogo de metáforas: as flores, terra transplantada sobre o túmulo-leito, são a mesma Terra impassível que não se alegra na Felicidade e nem se comove na Desventura - "mortos nos deixa e separados".

A Morte não viverá na Carolina que vem de receber - mais uma vez - coração e flores do companheiro. Ela, a Mulher, vive e é a outra ponta do diálogo-poema. Enquanto Carolina morre a Morte e é centro de manifestação do Amor, o Poeta - ido e vivido - vive a Morte num outro lado da Vida.

A estrutura do soneto, porque epicéδιο, porque dor e morte (mas flor e vida) impregna-se de uma ambiência-incenso não só pelo tom quase monótono com que o ritmo vai se construindo, mas pela acentuada repetição-lamento na composição formal do verso: querida/pobre querida; venho/virei; pensamentos de vida/pensamentos idos; idos/vividos.

Nos cinqüenta anos que separam as duas composições, "Ela" é "Carolina". E ainda que Machado de Assis, nesse meio século, tenha escrito milhares de páginas para, nelas, se introduzir na ficção, no ensaio, no artigo de jornal, no teatro e no poema, na realidade, o criador de Capitu e de Bentinho foi tecendo sempre o mesmo-não-mesmo tema: a sacralidade do mistério da Vida e da Morte no Amor que tece a Vida e a Morte.

